



TRIBUNA Livre

20
SETEMBRO
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

CARTA MAGNA da Organização Corporativa do Trabalho

Por EME

COMEMORA-SE em Braga, com a assistência do Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, o XXV aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, de 23 a 28 do corrente mês.

Pena é que uma grande parte dos trabalhadores portugueses não tenha compreendido ainda o alto significado deste pujante diploma legislativo, marco miliário da época corporativa nacional, em que se alicerçou o corporativismo graças à doutrinação que o estruturou e que tornou possível conciliar as duas grandes classes antagónicas — patrões e empregados — cuja luta fomentou em todo o mundo e trouxe até nossos dias as democráticas anomalias da greve e do «lock-out» e a monstruosidade político-social do comunismo.

A par da Constituição Política de 1933, ou seja, o estatuto político português, era criado o Estatuto do Trabalho Nacional, ou seja, a «carta magna» da organização corporativa do trabalho.

Durante um quarto de século, este diploma fundamental fez aglutinar em redor de si todas as iniciativas públicas e privadas relacionadas com o trabalho e vinculou a grande massa corporativa já hoje existente, principiando por criar-se os organismos corporativos primários para, a passos lentos e por vezes excessivamente tímidos, se lançarem os fundamentos das organizações secundárias e se chegar, por fim — num impulso rápido a que não vai faltando o necessário dinamismo — à edificação da cúpula corporativa com as já

instituídas Corporações, cuja comemoração do 1.º aniversário se acumula com a celebração do XXV da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, a que aludimos.

Bracara Augusta, a Cidade dos Arcebispos, a Roma Portuguesa, o Berço da Revolução Nacional, é mais uma vez distinguida com a comemoração de mais umas bodas de prata nacionais e saberá também mais uma vez corresponder à honra que lhe é conferida.

S. Ex.a o Senhor Ministro das Corporações estará entre nós cerca de uma semana e ficará a conhecer melhor os anseios dos portugueses que se honram de considerar a sua terra como Berço da Revolução, mas no qual não desejam ver adormecida a Nação, com o arrastar meigo e lento de canções de embalar.

Agora, que o Corporativismo é já adolescente e contraiu núpcias — outra coisa não significará o ter completado o seu esquema corporativo, com a instituição das Corporações —, o berço deverá ser fagueira recordação de infância e, possivelmente, precioso instrumento para criar os filhos, mas nunca para adormecer as iniciativas em despreocupado sono infantil.

Esta imagem fez-nos lembrar a coincidência de ter voltado ao Governo, neste ano comemorativo, S. Ex.a o Senhor (Continua na 6.a página)

Comemorações Nacionais do XXV Aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional

Delegação de Braga

NOTA OFICIOSA

Feriado de 23 de Setembro

Realizando-se, no distrito de Braga, as Comemorações do XXV Aniversário da Promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional e do I da Instituição das Corporações, e para satisfazer às solicitações feitas em tal sentido, autoriza-se a todas as entidades patronais, a paralização do trabalho, a fim de permitir ao seu pessoal que se associe às festividades.

Em cada uma das regiões em que se realizam cerimónias, igualmente se autoriza que, nos dias respectivos, ou em parte deles, seja considerado feriado com o mesmo fim.

Na hipótese de quererem utilizar a faculdade da compensação, será suficiente comunicarem os dias e horas a esta Delegação.

Espera-se a costumada compreensão das entidades patronais e trabalhadores e ousamos chamar a atenção para o significado e relevo destas comemorações, e ainda para a responsabilidade que resulta da honra conferida ao distrito de Braga.

Elementos informativos fornecidos à Imprensa, à Rádio e à Radiotelevisão

Vão revestir-se dum brilho e duma projecção extraordinários as festas nacionais que assinalarão o XXV aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional.

A cidade de Braga que, como já foi noticiado, foi mui- (Continua na 3.a página)

Na próxima quinta-feira, com a presença do Sr. Ministro das Corporações

SERÁ INAUGURADA A NOVA SEDE DA CASA DO POVO DE AMARES

É já na próxima quinta-feira, dia 25 do corrente, que será inaugurada a nova sede da Casa Povo de Amares, com a presença de Sua Excelência o Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social.

O acto solene terá lugar cerca das 18 horas e nele participarão também as autoridades do Distrito e do Concelho.

Trata-se de um magnífico edifício de dois pisos que custa cerca de 300 contos e vai satisfazer inteiramente as necessidades daquela instituição que assim pode alargar a sua acção.

Airosa, de linhas harmoniosas, a sua situação é magnífica e enquadra-se num local em que devem surgir novas construções de maneira a fechar o vazio que se nota no meio da Vila.

Deve ser uma das melhores sedes de Casa do Povo e tem na parte superior um salão amplo que possibilita a realização de espectáculos e outras reuniões.

No fundo permite a montagem de todos os serviços com a amplitude que o futuro possa exigir por mais que a instituição se desenvolva.

Os terrenos juntos são incultos, o que facilmente permite que arranje um recinto para jogos que exijam pequeno espaço.

Poucos são os organismos do género que tenham sede própria, o que mais vem realçar o feito e prestigiar o cometimento, sendo pena que estas instituições não possam ver-se, com mais frequência, datadas de edifício-sede.

Sem a envergadura e a grandeza da Casa do Povo que se vai inaugurar, mas de maneira a suprir as necessidades, bom seria que se buscasse a satisfação desta aspiração por parte de outros organismos.

A direcção da Casa do Povo de Amares está de parabéns pela sua realização, parabéns esses que aqui lhe apresentamos.

Visitante ilustre

Tivemos o honroso prazer de receber na nossa Redacção a visita do Ex.mo Snr. Dr. Alberto Ortigão de Oliveira, Presidente da Junta de Turismo de Caldelas, que nos veio agradecer a presença ao seu acto de posse, cuja reportagem se fez no número anterior.

Ficamos-lhe inteiramente gratos por esta gentileza, sinal do grande apreço em que tem o nosso Semanário, bem patenteado ao pretender, desde logo, que o considerássemos assinante.

O ensejo que se nos ofereceu de mostrar a S. Ex.a as nossas instalações, que muito apreciou, tornou ainda mais proveitosa esta visita.

Reiteramos ao Snr. Dr. Alberto Ortigão de Oliveira os nossos agradecimentos e fazemos votos, muito sinceros, pelo bom êxito da sua nova missão e da viagem que vai empreender ao estrangeiro.

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Esqueceu-se depressa quanta revolta causou às populações do Minho, na primeira metade do século passado (Maria da Fonte) o sujeitarem-se à obrigatoriedade dos enterramentos fora da igreja!

Perante factos desta natureza é que as populações não podem cruzar indiferentes os braços, quando outros meios se deparavam viáveis, até a um melhor efeito das obras.

Sem falar no moderno sistema dos «tacos de madeira», a caixa de areia ou em último caso a cimentação com soalho sobreposto — tudo menos o que se fez e ponto final.

(Continua na 4.a página)

FUNCIONALISMO ADMINISTRATIVO

Foi nomeado 1.º oficial da Câmara Municipal de Braga o Snr. Carlos Braga da Cruz que até aqui desempenhava as funções de 2.º oficial na Secretaria do Governo Civil.

Últimamente sujeito a concurso nele se houve de maneira a conseguir uma alta classificação o que lhe possibilitou a nomeação para o lugar referido.

Felicitemo-lo pelo duplo êxito, desejando-lhe as maiores felicidades no cargo que agora vai desempenhar no Município bracarense.

Nova e importante dádiva

Prosseguem as obras da Santa Casa da Misericórdia. Vão chegando, entretanto, as dádivas daqueles que sentem seu dever colaborar monetariamente na sua efectivação para que seja a realidade porque todos ansiamos.

Esta semana a Comissão recebeu um donativo de 10.000\$00, oferta de uma generosa Senhora ligada à nossa terra por laços de família e pelo coração.

Ilustre e caritativa, o seu nome encontra-se inscrito na maior parte das nossas instituições graças ao seu espírito de bem fazer, continuador do de quem lhe era muito e esta terra admirava como ninguém.

Pena é que a boa notícia servisse de motivo para sabermos que se encontra doente. A tranquilidade de espírito que gera o bem fazer e a graça de Deus que os seus actos merecem, certamente que farão com que lhe volte a saúde que lhe fugiu e pela qual aqui fazemos sinceros votos.

TRIBUNA AGRÍCOLA

FABRICO DE VINHOS VERDES BRANCOS

Indicações sobre o emprego de anidrido sulfuroso

Não deve desconhecer nenhum vinicultor progressivo de que, quer a técnica moderna, quer as exigências actuais do mercado, aconselham o fabrico de vinhos brancos pelo processo chamado de «bica aberta».

Com efeito, por este processo de vinificação em que o mosto fermenta completamente separado de todas as partes sólidas, obtêm-se vinhos que, já pelo seu aspecto, já pelo aroma e sabor, são incomparavelmente superiores aos obtidos de curtimenta ou meia curtimenta, processos que devem ser banidos da prática actual da vinificação.

A uva, de boas castas regionais, deve ser colhida bem madura, para que possa dar origem a um vinho característico e de boa qualidade.

ESMAGAMENTO

Deve fazer-se com o esmagador, aparelho prático que permite uma apreciável economia de mão de obra e executa um trabalho perfeito e higiénico.

As uvas, devem esmagar-se para cima de uma grade colocada no lagar, debaixo do esmagador e cêrca de um palmo levantada do fundo, onde ficam a escorrer o tempo estritamente necessário antes que se proceda à prensagem, para completo aproveitamento do mosto.

Dispositivo ainda mais prático e fácil de realizar, é uma simples vasilha destampada de um dos lados e com um fundo falso do outro, onde caiem as uvas passadas pelo esmagador.

A vasilha assenta em dormentes cuja altura permita recolher o mosto em canecos de madeira ou barro. No caso de se empregarem canecos de fôlha êstes devem ser cuidadosamente pintados com verniz de goma laca.

Junto do fundo e por baixo do fundo falso, coloca-se uma torneira ou de preferência um tubo de madeira fechado por um tacho de madeira dura, servindo perfeitamente uma torneira velha cortada rente à chave.

O mosto de escorrimento natural assim obtido, deve ser o mais rapidamente possível transportado para vasilhas, onde sofrerá um descanso de 24 horas antes que seja trasfegado para os recipientes, de preferência de pequena capacidade (pipas ou meias pipas), onde irá finalmente fermentar.

Os bagaços devem ser prensados imediatamente a seguir a ter terminado o escorrimento natural, pois que se assim não fôr começa a sofrer oxidações e fermentações que muito irão depreciar o vinho a obter.

Por este motivo, convém, se a temperatura ambiente fôr muito elevada, ou se houver alguma demora forçada, regar a massa do bagaço com uma simples solução aquosa de metabissulfito ou de anidrido sulfuroso, cuja quantidade se indica adiante.

DOSES DE ANIDRIDO SULFUROSO; DEFECACÃO

Como anteriormente dissemos o mosto saído por escorrimento natural da massa de uvas e da prensagem, vai directamente para vasilhas que podem ter, sem inconveniente, a capacidade de algumas pipas e onde vai fazer-se a aplicação do anidrido sulfuroso a par e passo que o mosto nelas vai caindo.

Deixa-se repousar durante 24 horas para que depositem tódas as impurezas e matérias sólidas, como películas, grainhas, etc.

A esta operação dá-se o nome de *defecação*.

O anidrido sulfuroso pode ser empregue sob duas formas: na de metabissulfito de potássio ou na de solução aquosa de anidrido sulfuroso.

Não é contudo indiferente a forma em que se deve empregar aquele gás.

O metabissulfito de potássio reserva-se para vinhos normalmente bem equilibrados, vivos e que não revelem falta ou tendência para fraca acidez fixa, isto é, tendência para darem prova de pouco verdes.

É o caso mais geral e sempre que se cultivem castas regionais nas formas tradicionais de cultura.

As soluções sulfurosas aplicam-se nos casos em que os vinhos revelem tendência para prova pouco verde, regra geral consequência de má escolha de castas, cultura de castas não regionais e em bardo.

Há contudo casos em que essa tendência é uma característica típica sub-regional e ainda nêstes casos se deve empregar solução sulfurosa.

É o que se passa na sub-região de Monção com a cultura da casta Alvarinho e certas zonas do Marco de Canavezes com vinhos de marcada tendência para entre-maduros, o mesmo sucedendo em Baião, Rezende, etc.

DOSES DE EMPRÊGO

Variam com o estado das uvas e com o efectuar-se ou não a defecação atrás descrita.

No quadro seguinte figuram as doses convenientes:

	DOSES POR 500 LITROS	
	Metabissulfito	Solução a 6%
I)—COM DEFECACÃO		
Uvas sãs	60 grs.	500 cc.
Uvas podres	100 »	800 »
II)—SEM DEFECACÃO		
Uvas sãs	50 grs.	420 cc.
Uvas podres	80 »	640 »

A percentagem de 6% indica para a solução sulfurosa é a mais conveniente. No caso de se empregar solução dum outro teor deve levar-se isso em conta.

No caso atrás focado de a prensagem não ser imediata ou de temperatura ambiente elevada, as doses acima indicadas serão aumentadas de 1/4, sendo esta quantidade adicionada em pequenas fracções sobre o bagaço e na altura do esmagamento.

MOMENTO DE EMPRÊGO

Por cada pipa (500 litros), de mosto que chega à vasilha de defecação, deve adicionar-se desde logo a dose correspondente de metabissulfito ou de solução sulfurosa.

No caso de pequenas colheitas a adição far-se-á por cada 100 litros de mosto que cheguem à vasilha de defecação.

MODO DE EMPRÊGO

O metabissulfito é dissolvido numa vasilha de vidro, barro vidrado ou madeira, em alguns litros de mosto ou em 10 vezes o seu peso de água morna e imediatamente adicionado ao mosto, que deve ser bem agitado com uma vara introduzida pela batoqueira.

A solução sulfurosa a 6% aplica-se directamente, agitando-se vivamente como se indicou para o metabissulfito.

No fim do dia, ou cheia a vasilha de defecação, deve misturar-se novamente muito bem todo o mosto, de modo a homogeneizar o conjunto, para boa distribuição de desinfectante.

TRASFEGA PARA AS VASILHAS DE FERMENTAÇÃO

Decorridas as 24 horas, dá-se por terminada a defecação e trasfega-se à bomba ou a cântaro todo o mosto que se encontra completamente límpido, arejando-o bem para facilitar o trabalho fermentativo que se vai iniciar.

As bôrras que ficam no fundo, e ainda contêm quantidade apreciável de mosto, podem ser adicionadas a uma lagarada de vinho tinto ou fermentadas à parte para obter um vinho de menor qualidade.

É de aconselhar que a fermentação se dê em cascos de pipa ou meia pipa de preferência aos tonéis, tendo em qualquer caso o cuidado de não os encher completamente para que se não dêem derrames pela batoqueira, de mosto e espuma.

Durante a fermentação, as batoqueiras devem ser protegidas com uma linhagem ou pano dobrado em 4 ou uma pequena saca cheia de areia lavada, para obstar à queda dentro da vasilha de poeiras ou corpos estranhos.

Acabada a fermentação tumultuosa (duas a três semanas após a vindima) proceder a uma trasfega, arejando bem o vinho e aproveitando a ocasião para proceder à taninagem.

TANINAGEM

A dose de tanino a empregar é de 8 a 10 gramas de bom tanino pelo alcool, isento de cheiro ou sabor estranhos, por cada 100 litros de vinho e aplica-se previamente dissolvido em alguns litros do próprio vinho, usando para isso vasilha de madeira ou barro vidrado.

A adição deve fazer-se na vasilha para onde se efectua a trasfega e quando ela se encontre cêrca de meia.

ATESTOS

Os atestos começarão a fazer-se quando a fermentação diminua de intensidade e logo que esta acabe deve proceder-se à colocação dos batoques, que de início não ficarão muito apertados.

A vasilha deve estar permanentemente atestada para garantir uma boa conservação do vinho nela contido.

Afrancamento de Vasilhas há muito fora de uso

Quando uma vasilha deixa de servir vários anos, além da madeira se dissecar profundamente, toma um cheiro característico a «velho», devendo haver todo o cuidado com a sua preparação quando de novo tenha de conter vinho.

Indicam-se os processos a usar em vasilhas com ou sem portinhola.

Vasilhas com portinhola

1.º— Raspar tódá a vasilha de modo a desembaraçá-la de todo o sarro e substâncias estranhas à madeira.

2.º— Conservá-la durante alguns dias humedecida para a madeira inchar, cobrindo-a de sacos molhados e borrifando frequentemente a parte interior.

3.º— Proceder a um enérgico suadoiro feito com a solução.

Água fervente 10 litros
Carbonato de sódio 1 kilo

4.º— Logo que a temperatura no interior da vasilha o permita, esfregar demoradamente com escôva rija de piassaba, aproveitando a mesma solução.

5.º— Lavar abundantemente com água fria até esta sair limpa.

6.º— Verificar a vedação e certificar-se de que não possui qualquer cheiro estranho que obrigue a tratamento especial.

No caso de madeira muito ressequida em que não seja possível obter uma vedação perfeita, recorrer ao trabalho do tanoeiro.

7.º— Deixar secar e mechar fortemente, de preferência com mechador ou sulfurador.

Vasilhas sem portinhola

1.º— Lavar com água fria, em abundância; deixar ficar alguns litros dentro, colocar a vasilha ao alto e encher o superior com água.

Deixar assim a vasilha durante 2 a 3 dias para que a madeira inche convenientemente.

2.º— Aliviar os arcos se for necessário, e proceder a um enérgico suadoiro com:

Água fervente 10 litros
Carbonato de sódio 1 kilo

rebolando a vasilha e fazendo uso da corrente ou de pequenas pedras que se introduzem pela batoqueira.

3.º— Lavar abundantemente com água fria até esta sair limpa e não esquecer tirar a corrente ou as pedras.

4.º— Apertar os arcos, verificar a vedação da vasilha e certificar-se que não possui qualquer cheiro estranho que obrigue a tratamento especial.

5.º— Deixar secar durante 24 horas e mechar fortemente de preferência com mechador ou sulfurador.

TRIBUNA do CONCELHO

Santuário da Abadia

No dia 6 do corrente mês de Setembro realizou-se no Santuário de Nossa Senhora da Abadia o enlace matrimonial de Abílio Manuel Dominges, natural da freguesia de Bouro Santa Maria, com a menina Maria Rita de Sousa, do lugar de Fradelos, da freguesia de Friande, do concelho da Póvoa de Lanhoso.

Foram recebidos pelo R.^{mo} Senhor P.^o Manuel Matias Pereira do Lago e Costa, Digníssimo arcebispo de Amares, com a presença dos R.^{mos} Párocos P.^o Francisco Antunes de Almeida mui Digno Reitor do Santuário e P.^o António de Almeida Peixoto, mui Digno Abade das vizinhas freguesias de Friande e Ajude, do concelho da Póvoa de Lanhoso, tendo sido padrinhos do casamento o sr. João Manuel da Silva, da freguesia de Bouro Santa Maria e a menina Elisia Lopes, do lugar de Fradelos, freguesia de Friande—Póvoa de Lanhoso.

No final da cerimónia foi servido um lauto almoço no restaurante do Santuário, no qual tomaram parte os três Digníssimos Párocos, e no fim deste, cada um fez o seu brinde, enaltecendo as nobres qualidades dos nubentes e pedindo a Nossa Senhora da Abadia que os abençoe e que lhes faça um lar muito feliz.

Oxalá que todos os Amarenses que pretendam casar-se, escolham sempre o Santuário de Nossa Senhora da Abadia, pois que assim concorrerão para o seu engrandecimento.—S.

O Ressurgir da Abadia

Com o título que acima indicamos, foi publicado um livro, da autoria do nosso bom amigo, velho mestre e devoto do Bourense R.^{mo} Senhor Padre Francisco Antunes de Almeida, digníssimo Reitor do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, que tanto se tem esforçado para que o Santuário da sua Reitoria atinja o brilho e esplendor que em tempos usufruiu e que na verdade bem merece.

O referido livro, com um volume de 129 páginas, pode ser adquirido em qualquer estabelecimento Comercial de Bouro, assim como em diversos estabelecimentos do concelho. É de vontade do seu autor que todos os Bourenses adquiram este livro e conta com a colaboração de todos, pois só assim será possível levar a efeito a obra que o nosso bom amigo projecta.

Nas primeiras páginas do livro, vemos uma dedicatória do autor, a todos os Bourenses, com especial referência para aqueles que foram seus alunos.

Bourenses, rapazes que como eu recebestes do bondoso Padre Almeida as primeiras luzes da instrução, vamos todos adquirir «O Ressurgir da Abadia», ler e incutir na memória as aspirações do seu autor, e após isso oferecer-lhe a nossa colaboração para a obra a empreender, que tantos benefícios vai acarretar a nós e aos nossos vindouros.

Com um pequeno dispêndio e uma forte união, conseguiremos sensibilizar o coração do Homem, cujo nome, pelo seu bairrismo, merece ser gravado a letras de ouro nas páginas da história do nosso querido BOURO.

António Fernandes

Visado pela Censura

Vida elegante

Aniversários

No passado domingo, da menina Maria Manuela Janela Araújo.

Hoje—do Sr. António Fernandes Rodrigues e do Sr. Agostinho César Correia Peixoto.

Segunda-feira—da Srta. D. Eufrásia Maria Fernandes Barbosa e da Srta. D. Carlinda Gomes de Abreu Macedo.

Terça-feira—da Srta. D. Esmeraldina Celeste Meneses Guimarães e da menina Rosa Maria Macedo.

Os nossos parabéns.

Comemorações Nacionais do XV Aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional

(Continuação da 1.ª página)

to justamente escolhida para servir de cenário à grandiosa manifestação de regozijo e de fé nos superiores destinos do Corporativismo Português receberá no próximo dia 23, dentro dos seus muros, milhares de representantes de todos os Organismos Corporativos do País.

Embora já tenha terminado o prazo de inscrição, continuam a chegar todos os dias dezenas e dezenas de novas adesões, num desejo unânime de marcar presença que mais não é do que uma prova inequívoca de apoio a um Diploma que há 25 anos tantos benefícios tem proporcionado aos trabalhadores portugueses, e uma manifestação de agradecimento ao Governo que o tem feito executar.

De todos os pontos do País chegam a toda a hora notícias do excepcional entusiasmo que reina em volta das comemorações, e muitos di-

Confrarias de Lago Amares

A freguesia de Lago não tem acta da sua fundação. Sabem-se apenas que já existia no tempo das inquirições de D. Afonso II, em 1220, com a sua igreja e vigário próprio, que era apresentado pelo D. Abade do Mosteiro de Rendufe, e cujo território pertencia também ao Couto do referido Mosteiro. Pouco ou nada se sabe da vida religiosa desta freguesia, no decorrer dos séculos, por falta de documentos e, nomeadamente, do livro das visitas pastorais cuja existência e paradeiro se desconhecem. Há, porém, três instituições religiosas, com sede na igreja paroquial de Lago, que nos dizem alguma coisa sobre o seu passado religioso. Começarei pela confraria do Santíssimo Sacramento.

Existem ainda, e bem conservados, os primeiros estatutos por que se regeu até à implantação da república, e por eles se vê que esta confraria principiou a existir em 31 de Julho de 1794. A história da instituição desta confraria é-nos contada pelos referidos estatutos, dizendo:—Houve um devoto, natural desta freguesia chamado Diogo Fernandes, e deixou, de esmola, duzentos mil reis para se colocar o Santíssimo Sacramento na dita freguesia, e deixou esta esmola por não haver sacrário na dita freguesia, e vendo os fregueses que não era bastante a dita esmola, para veneração dele, concorreram e concorrem com as suas esmolos, conforme cada um pode, para haver de dar cumprimento à dita veneração.—Por estas palavras, da abertura dos estatutos, vê-se que até Julho de 1794, havia

em Lago igreja e vigário para nela dizer missa, administrar os sacramentos e instruir o povo nas verdades da fé católica; mas, não havia sacrário e, por isso mesmo, também não havia presença real permanente do Santíssimo Sacramento, nem meios para a sustentar. Uma vez colocado o Sacrário na igreja e formado o capital necessário para garantir os rendimentos precisos, organizou-se a confraria que os referidos estatutos descrevem assim:—E tendo esta freguesia a glória de se haver colocado um sacrário para perene depósito do Santíssimo Sacramento, de que lhe resulta a vantagem de serem socorridos os seus moradores com este divino manjar, a todo o freguês que, ou por necessidade ou por devoção a haver e desejar receber, além da espiritual utilidade de se aumentar o seu fervor com a real presença da Divindade e humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, determinou toda ela erigir em devoção, na esperança de se estabelecer, por este meio, mais sólidamente o culto do Senhor Sacramentado e de se administrar com regularidade e maior proveito o capital de dinheiro e mais coisas que lhe pertencem. Para o bom governo, pois, desta corporação formou a mesma freguesia os seguintes estatutos, cuja observância seja para maior honra e veneração do Santíssimo Sacramento. Amen.—Os estatutos referidos tem apenas oito capítulos, sem qualquer referência a artigos e parágrafos. O primeiro diz que a Mesa constará sempre de quatro membros: Juiz, Secretário, Tesoureiro, e Procurador. O segundo trata do Juiz e declara que este cargo só poderá ser desempenhado por quem tiver exercido já o cargo de Tesoureiro. Afirma que só o Juiz tem o direito de propor os assuntos a tratar pela Mesa e de desempatar, no caso de os mesários estarem dois contra dois. Impõe ao Juiz a obrigação de não tolerar discórdias entre os mesários. E se algum desobedecer impor-lhe-á a multa de cem reis. No caso de continuar na desobediência será tratado a arbitrio do Juiz. Este é obrigado a pagar o sermão da festa a assistir às missas dos meses, e terá conta nos outros mesários para que façam as suas obrigações com zelo. Se faltarem serão punidos com a multa de cinquenta reis cada um.

Estes poderes ditatoriais que os primitivos estatutos conferiam ao Juiz da Confraria eram bem mais extensos que os dos actuais estatutos que estabelecem no artigo 31:—O Juiz e o chefe da Confraria, competindo-lhe: 1.º representar a confraria em todos os actos civis e eclesiásticos; 2.º

convocar a Assembleia geral e a Mesa; 3.º presidir às sessões, quando não esteja presente o delegado do Ex.^{mo} Prelado; 4.º rubricar os livros da confraria, 5.º assinar os mandados de pagamento e organizar, com o secretário, os orçamentos e as contas; 6.º mandar avisar os irmãos para assistirem às festas e aos enterros, 7.º exercer todas as demais atribuições do seu cargo. E... graças a Deus! Por si não pode castigar ou constringer ninguém. O facto de por mais de quinhentos anos, a freguesia não ter sacrário impressiona os nossos hábitos religiosos, mas, não havia meios, não havia quem os angariasse, havia poucos habitantes e pouca frequência dos sacramentos e, para as comunhões de devoção ou por viático, recorria-se ao mosteiro de Rendufe.

J. F.

Vilegiatura

Encontra-se em gozo de férias, na sua residência da freguesia de Prozelo, o nosso assinante Senhor António Joaquim Tinoco Junior. Tivemos o prazer de receber a sua visita, que agradecemos.

BAPTIZADO

No passado domingo dia 14 do corrente mês, realizou-se na matriz de Ferreiros o baptismo da menina Aurora Maria, filha do Sr. Armando Joaquim Dias e D. Maria Rosa da Silva Dias. Apadrinharam o menino Domingos Manuel Gonçalves Rodrigues e a menina Aurora Maria Gomes da Silva.

HUMORISMO

Os botões

A esposa sentada no Jardim diz para o marido:

—Olhe, Fanchim, estas roseiras já tem botões!

—É verdade! São mais felizardas do que as minhas camisas, que já os não tem.

Num exame de instrução primária

O examinador para o aluno. —Quem foi o primeiro rei de Portugal?

O rapaz por mais voltas que desse não acertava.

Um garoto que estava atrás do examinando, segredou-lhe: Foi o vencedor de Cerneja, referindo-se à batalha dada entre portugueses e leoneses, em que D. Afonso Henriques saiu vencedor.

O rapaz julgando ter encontrado o filão, respondeu muito depressa:

—O primeiro rei de Portugal, foi o inventor da Cerveja!...

O DELEGADO

(Dr. Valentim de Almeida e Sousa)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

* * *

Exteriormente, na parede da sacristia, lado norte, duas lápides de mármore:

1.ª — AO SAUDOSO CONDÍSCIPULO ABEL DE ALMEIDA HOMENAGEM DO CURSO THEOLOGICO DE 1908-1911 VI-X-MCMXIV.

2.ª — AO INOLVIDAVEL CONDÍSCIPULO P.º ADELINO DA SILVA HOMENAGEM DO CURSO THEOLOGICO DE 1908-1911 XXII-IX-MCMXIX.

Foram ali mesmo sepultados naquele recanto do adro.

O primeiro é apenas clérigo de ordens sacras; o 2.º chegou a ser pároco de Seranil, ao tempo do exílio do abade Martins no Brasil, até que adoeceu de tísica como o antecedente e faleceu.

Maus tratos do período crítico em que viveram e poucos escaparam.

Dos poucos sobreviventes, o actual bispo da Guarda também aqui veio prestar a seus discípulos sua última homenagem.

Os altares são de modesta fábrica, obra de artistas locais, entalhadores e santeiros, o último, Francisco da Silva Júnior, igualmente autor da imagem do Coração de Jesus.

Tem outras mais valiosas, a denunciarem o barroco, como sejam a de Santa Rita, de Cacia e a de Santa Luzia.

A Confraria do S. S. Sacramento é de instituição recente.

Junto da pia baptismal, embutido na parede e servindo de armário, está um velho sacrário, de característico estilo regional.

No torreão, sobre o paredão do adro, tem um sino de bom timbre e som, com a data de 1854, plausivelmente a data em que se substituiu a primitiva sineira cujas pedras agora foram descobertas sobre o degrau que dividia o pavimento da igreja.

No plinto do cruzeiro paroquial, de fuste relativamente elegante e delicado, tem a data de 1673.

Nas Inquirições de 1258—*in collatione Sancti Laurentii de Peramos...* Egas Egee criou filo de Martino Stephani, et excusati se per y e nisto consistia o sagradito pretexto de isenção tributária.

PAREDES SECAS

Bem está de ver a origem da expressão por que se designa o nome desta freguesia desde tempos imemoriais.

Os Romanos, que por aqui passaram em legiões e, dotados de exímia observação, foram os mais peritos na administração do baptismo a quantas terras conheceram, não lhes passaram aqui despercebidas as casas e muros feitos de pedra a esmo, sem barro nem cal, sem a argamassa que eles tanto usavam e era de rigidez e aderência ainda hoje inegaláveis.

Nesta como noutras freguesias se encontram frequentemente ainda hoje dessas antiquíssimas habitações, construídas de pedra sobre pedra e pelos interstícios das juntas mal devastadas entra, à raridade ou faltas de janelas, o ar e a luz.

Está situada em terreno bastante acidentado, nas vertentes de S. Pedro Fins voltadas a nascente.

Foi do couto de Rendufe, a que pertenciam ainda os lugares de Pomarinho, Faquiães, Portela do Vale, Monte e Linbarelho que são da freguesia de Vilela.

Pertenceu ao antigo concelho de Santa Marta de Bouro; tinha juiz no civil e órfãos, almotacel e provedor, feitos por eleição do povo, os quais faziam correições e aforavam montados; por sua ordem faziam-se *montarias* a que concorriam os povos dos coutos de Bouro e de Rendufe, mas perderam essa regalia por ter o juiz, um tal José Martins, determinado uma montaria em dia de feira-nova; assim o refere P. Leal.

Santa Marta dava os escritvães e aqui pertencia o crime.

Até 1834 foi da comarca de Viana; passou para a de Lanhoso e em 1855 para a de Vila-Verde.

É terra fértil de todos os cereais, vinho e azeite; cria muita caça pelos montes.

Compõe-se dos lugares de *Carvalho, Quintã Penosa, Lama, Vila-Cova e Urjais*.

Foi antiga abadia da apresentação da mitra.

O padroeiro é S. Miguel Arcanjo; e, em nicho aberto sobre a porta principal da respectiva matriz tem a sua

A DEFESA CIVIL E A HORA QUE PASSA

A ligação com as forças armadas:

A colaboração com a organização militar acentua-se, não só no domínio da preparação da defesa como no da sua execução em tempo de guerra.

Efectivamente ela e a Defesa Civil do Território vão buscar recursos às mesmas fontes e só ela poderá indicar quais os que ficam à disposição desta (homens, instalações, viaturas de mobilização, etc...). As operações próprias de ambas tem de ser coordenadas e, em muitos casos, as Forças Armadas constituirão um escalão de reforços— o 4.º escalão— da Defesa Civil do Território.

Por outro lado, certas medidas de defesa civil, como as do alerta e ocultação de luzes nas instalações permanentes, são extensivas ao agrupamento militar, já de si um dos elementos auto-protégidos da defesa civil que, para isso, será instruído na norma da mesma.

Justifica-se assim ser primordial a existência de um elemento permanente de ligação entre as autoridades de defesa militar e as da defesa civil. Esta ligação assegura-se:

— No Comandante Geral da Defesa Civil do Território por Oficiais de Ligação das Forças Armadas (do Ministério do Exército, do Ministério da Marinha e do Subsecretariado da Aeronáutica) os Delegados Militares da Defesa Civil do Território das Regiões Militares;

Nos distritos correspondentes às sedes das Regiões Militares, pelo Adjunto Militar da Defesa Civil do Território na Região Militar;

— Nas outras localidades onde existam unidades militares, pela ligação directa entre o delegado do comando militar e o Comando Local da Defesa Civil do Território.

Se não sabe, aprenda com a Defesa Civil:

Como se aplica o garrote ou o torniquete.

O garrote serve para comprimir as artérias dos membros e impedir as hemorragias arteriais. Apesar da sua grande utilidade deve ser considerado um instrumento perigoso e usado apenas como último recurso.

estátua de pedra, que se supõe de *ança*. E, a este respeito, conta o Senhor abade de Caldelas que foi uma vez solicitado pelo Prelado e por officio que ali lhe apresentou o pároco desta freguesia ao pretender desfazer-se de uma imagem de pedra que lá andava abandonada pela sacristia e tinha comprador interessado (esta criminosa especulação quanto a valores e bens culturais infelizmente vem de longe) continuando, ordenava-se-lhe naquele officio que fôsse a Paredes-Secas averiguar se a dita imagem era ou não objecto de interesse paroquial e por conseguinte sim ou não alienável.

Pouco satisfeito à primeira vista com aquela embaixada e em atenção à longa e custosa caminhada, perguntou ao pároco se na fechada da igreja havia qualquer nicho vazio, ao que este logo respondeu afirmativamente.

— Então, disse o senhor abade de Caldelas:—coloque-a no sítio dela, e ainda bem que já não preciso de lá ir. Elá a têm e sabem a quem, até certo ponto, devem o conservá-la.

(Continua no próximo número)

A compressão feita pelo garrote, quando bem aplicado, deve interromper completamente a circulação arterial.

Por este motivo a compressão não pode ser demorada, sendo perigoso utilizar o garrote por tempo superior a 2-3 horas, pelo perigo de *gran-grena* dos membros comprimidos. Nos casos de aplicação demorada deve aliviar-se o garrote de 15 em 15 minutos. Nestes casos o garrote é aliviado durante alguns momentos (cerca de 1 minuto), deixa-se sangrar a ferida e depois aperta-se de novo. A execução desta manobra é indispensável para a conservação da vitalidade dos membros comprimidos.

Há vários tipos de garrote que podem ser utilizados, mas os mais vulgares são os de borracha.

O torniquete pode ser feito com um lenço vulgar. A compressão é feita por torsão das extremidades do lenço fixado a um pedaço de madeira ou material semelhante, que sirva de alavanca.

Na aplicação do garrote ou do torniquete devem observar-se as seguintes normas:

a) — O garrote ou torniquete não deve ser aplicado directamente sobre a pele, lesões que pode ocasionar, devendo colocar-se sobre qualquer tecido ou peça de roupa— mangas de camisa, calção ou calça.

b) — Deve colocar-se de forma bem visível, não deixando escondido debaixo do vestuário.

c) — Deve ser colocada acima da ferida, isto é, entre a ferida e o coração.

d) — Nas feridas dos membros superiores, deve ser sempre colocado no braço.

Nas dos membros inferiores deve ser sempre colocado na coxa. Não se deve colocar nos antebraços ou nas pernas.

e) — Ao aliviar-se o garrote ou o torniquete não se deve fazê-lo bruscamente pois pode originar graves perturbações orgânicas.

f) — A sua aplicação deve ser feita, de preferência, por pessoas que tenham prática da sua utilização.

A Defesa Civil Espera-vos:

A acção da Defesa Civil em Portugal, felizmente, já tem dado os seus frutos. Os jornais

diários, tem noticiado factos ocorridos em diversas partes do País, em que a intervenção de elementos da D. C. tem sido benéfica no salvamento de vidas humanas. Ultimamente na Ilha do Faial a D. C. esteve presente auxiliando as autoridades locais na altruísta missão de socorrer as vítimas dos abalados sísmicos que tem ameaçado aquela Ilha. Meditai, nisto e, inscrevei-vos na Defesa Civil, pois esta espera-vos.

D. C. T., GUERRA E PAZ

Muitas vezes, ao falar-se da Defesa Civil do Território, algumas pessoas julgam, erradamente, tratar-se de um organismo apenas eficaz, se um dia surgir uma guerra. O dia a dia, as notícias impressas nos jornais e divulgadas pela Rádio, veem demonstrar que a D. C. T. não é apenas útil em tempo de guerra, mas verdadeiramente eficiente em tempo de paz.

Os efeitos destruidores de um desabamento, de uma inundação, de um abalo sísmico, de um descarrilamento de comboio, poderão ser altamente reduzidos, se toda a população tiver sido preparada pelo pessoal instrutor da D. C. T. Se não é apenas na guerra que são úteis os conhecimentos adquiridos nos cursos da D. C. T., também não é, somente, nos momentos de catástrofe que esses conhecimentos podem salvar vidas. Em cada momento que passa, na monotonia da vida quotidiana, existe sempre a possibilidade de sermos úteis ao nosso semelhante, pondo em prática o que aprendemos através da D. C. T. Uma perna esmagada por um automóvel lançado a grande velocidade, um desmaio, uma pessoa de família vítima de hemorragia, são acidentes que ocorrem diariamente e para os quais todos deveremos estar preparados, prontos a intervir sem a mínima perda de tempo, agindo conscientemente, sem pôr em perigo a vida do socorrido quando se lhe ministrem os primeiros socorros.

D. C. T. A Colaboração de cada um para a protecção de todos nós!

Breves indicações sobre fracturas

Reconhece-se que a vítima sofreu uma fractura, pelos seguintes sintomas:

— Membros em posição anormais.

— Ossos à vista.

— Certos volumes anormais na pele.

SOCORRO A PRESTAR

— Não tente acertar o osso partido.

— Não comprima as partes dos ossos à superfície.

— Evite tocar nas fracturas até chegar o médico.

— Evite maiores complicações e a entrada em estado de choque.

— Em caso de absoluta necessidade, use talas improvisadas.

— Não aperte demasiado o corpo às talas para não paralisar a circulação.

— Não toque em vítimas de fractura do pescoço ou coluna vertebral a não ser para evitar que se queimem ou asfixiem e, nestes casos, proceda com o máximo cuidado.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Delegado: ANTONINO NOGUEIRA MARTINS

MONOGRAFIA

Podemos anunciar que será já no próximo número que iremos iniciar a publicação da Monografia de Terras de Bouro, pela pena do Senhor Professor Domingos M. da Silva, para o que já chamamos a atenção no número anterior.

Aproveitando a sua estadia em Lago-Amares, durante este período de férias, ainda neste mês e em Outubro, deslocar-se-á às várias freguesias de Terras de Bouro onde necessite de colher elementos para completar o seu estudo. É uma custosa peregrinação que, só o grande amor que tem ao estudo e à investigação histórica, poderá amenizar um pouco a árdua tarefa. Estamos desde já convencidos, como tem acontecido em toda a parte onde se têm levado a cabo estes trabalhos por aquele distinto investigador, que todos as facilidades serão dadas a quem tanto sacrifício faz em benefício de todos e, saliente-se bem, sem qualquer espécie de renumeração, antes, com consideráveis despesas que constantemente lhe vamos fazer de seu bolso.

Estejamos, portanto, atentos à história de Terras de Bouro e que os seus filhos saibam apreciar e difundir, com a propaganda devida, esta sua secção «Tribuna de Terras de Bouro», na certeza de que praticam um acto de bairrismo difundindo a leitura deste Semanário, pronto a colaborar no bem comum dos dois concelhos de Amares e Terras de Bouro, como já tem demonstrado.

DESPORTO

Principiou o Campeonato Nac. da 1.ª Divisão

No passado domingo, iniciou-se o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, que era aguardado pelo público, com interesse, para assim poderem assistir a duelos entre equipas, em disputa dos dois pontos, pois, até ao momento, entre os conjuntos superiores apenas se jogava amigavelmente. Nesta primeira jornada, apenas uma surpresa nos estava reservada, e desta foi vítima a equipa do F. C. do Porto. Nos restantes encontros, uns ultrapassaram a marca de golos previstos e outros conseguiram resultados normais que se preveem sempre para as equipas que jogam no seu ambiente. Os campeões nacionais foram a única equipa que conseguiu vitória fora de casa, embora com certa dificuldade.

Vejamos agora os resultados da jornada:

BRAGA, 5 - LUSITANO, 0

No Estádio 28 de Maio, o Sporting local conseguiu resultado volumoso frente ao Lusitano, marcando 5 golos sem resposta. Se olharmos para à categoria das duas equipas, notamos que o resultado foi severo para os Evorenses, mas o futebol tem destas coisas e às vezes tudo se torna fácil. O grupo de Évora mostrou-se pouco rodado, não tendo ainda os 90 minutos nas pernas. Não admira, estamos no início da época.

PORTO, 3 - V. SETÚBAL, 3

O F. C. do Porto principi-

piou mal este campeonato nacional. Perder um ponto no seu campo frente a um adversário de inferior categoria é bastante custoso para uma equipa com sérias aspirações. Vencendo ao intervalo por 3-0, os azuis brancos deixaram-se surpreender pelo adversário que chegou a empatar. Talvez o confiar demasiado tenha tornado possível a perda de um ponto que pode vir a fazer muita falta.

BARREIR., 0 - SPORTING, 1

O Sporting foi ao Barreiro jogar cartada difícil, até porque não podia apresentar o seu melhor. Vencendo por uma bola sem resposta, os leões não convenceram, embora a vitória não deixe de ter mérito se olharmos a que os campeões nacionais apresentaram em campo uma autêntica reserva.

Bom passo em frente e um obstáculo passado que sabe bem quando uma equipa tem responsabilidade.

BELENENSES, 3 - CUF, 0

O Belenenses actuou no seu ambiente, vencendo a Cuf com certa facilidade, e jogando uma partida agradável. O grupo da Cruz de Cristo, merece as honras da jornada, pela maneira como actuou realizando a melhor partida de futebol nesta jornada inaugural.

BENFICA, 7 - GUIMARÃES 0

Os Vimaraneses foram a Lisboa sofrer pesada derrota frente aos Benfiquistas.

Antonino Nogueira Martins

Chegou-nos a boa notícia de que o Sr. Antonino Nogueira Martins já deixou a Casa de Saúde e se encontra em Terras de Bouro, convalescendo da sua doença. É motivo de muita satisfação que, oito dias depois de termos noticiado o seu internamento hospitalar, possamos já anunciar esta boa nova.

Que o seu restabelecimento completo seja um facto em breves dias, são os nossos veementes desejos.

Uma derrota era de esperar pois os encarnados jogavam no seu campo e não queriam deixar fugir esta oportunidade, mas a margem alcançada torna-se pesada e mostra claramente as facilidades consentida pelo visitante. Nada de desanimar, pois tudo está no princípio e o Vitória tem gente para poder vir a possuir uma equipa homogénia e difícil de vencer pelo menos no seu ambiente.

COVILHÃ, 6 - CALDAS, 3

O Covilhã venceu com certa vontade o seu adversário, embora numa partida em que foram obtidos muitos golos. (9). Num início de época todas as coisas são desculpáveis mesmo até quando os golos ultrapassam a marca prevista. Outra altura do campeonato o resultado teria sido mais equilibrado.

TORRIENSE, 2 - ACADEM., 1

Os estudantes foram a Torres Vedras sofrer a sua primeira derrota. É certo que o Torriense jogava em casa, mas também é certo que esperávamos mais dos estudantes que vinham rodados de África. A partida tecnicamente foi baixa e ganhou a equipa que melhor soube aproveitar as ocasiões que se lhe depararam. No conjunto academista foi notória a falta de Rocha.

Após esta jornada a classificação ficou assim ordenada:

Benfica	1.
Braga	2
Belenenses.	2
Covilhã	2
Sporting	2
Torriense	2
Setúbal	1
Porto	1
Académica.	0
Barreirense	0
Caldas	0
Cuf	0
Lusitano	0
Guimarães.	0

Não é nosso costume arriscar um prognóstico aos

Novos Assinantes

Foram-nos indicados pelo Sr. José Maria Esteves, mais os seguintes assinantes:

Domingos de Jesus Araújo, de Lisboa, Manuel Amadeu de Araújo de Amaro—Brasil, Adelino Alves Cracel—Brasil, Manuel António Afonso—Ponte da Barca. É forçoso que elogiemos a acção deste dedicado amigo de «Tribuna Livre», que vem contribuindo para o progresso do nosso jornal com a angariação de assinaturas. Só com a boa compreensão de pessoas de boa vontade, é possível engrandecer qualquer iniciativa. Dá-se aqui o caso de se praticar um acto de bairrismo, ao fazer propaganda da Secção de Terras de Bouro, o que exactamente faz o Sr. José Maria Esteves, Obrigado.

Pelo Sr. Esmeraldo Augusto Ribeiro Barreiros, ausente em Angola, foram-nos indicados dois assinantes: o Sr. Agostinho dos Santos Maia, também ausente em Angola, e a menina Maria de Jesus Ribeiro, de Paradelado do Rio.

Também se inscreveu como assinante o nosso amigo Joaquim Isidoro da Silva, de Seramil.

Gostosamente fizemos as suas inscrições e agradecemos.

jogos a efectuar, mas desta vez vamos tentar, esperando que nos desculpem se o falhanço for espectacular.

Aí vai.

Sporting, 3-Braga, 1
Lusitano, 1-Porto, 2
Setúbal, 3-Torriense, 1
Cuf, 2-Barreirense, 1
Guimarães, 2-Belenenses, 2
Caldas, 1-Benfica, 3
Académica, 2-Covilhã, 1

M. Janela



José Leite Mendes

Realizou-se no passado dia 12 o funeral do nosso saudoso assinante senhor Leite Mendes, que durante muitos anos desempenhou papel preponderante na vida de Terras de Bouro. As suas actividades, quer no notariado, quer na vida privada, tornaram-no um homem muito conhecido e de muitos amigos, o que se verificou no concorrido funeral em que participaram pessoas da mais destacada representação social do Concelho e do Distrito.

Via-se no funeral, pela Câmara do Senhor Presidente Armindo Corais e srs. José Dantas e Aquilino Francisco Pereira, e ainda os Senhores Drs. Pinto Ferreira, Martins Aires, José Taveira da Silva Catalão, Hermenegildo H. Carvalho Maia, Manuel Joaquim Gonçalves e muitas outras pessoas de destaque.

O extinto era pai dos Srs. João Leite Mendes e Júlio Pereira Leite Mendes e das Sras. D. Maria Leite Mendes e D. Maria Virginia Leite Mendes.

A família enlutada os nossos sentidos pêsames.

Manuel Gonçalves Campos

Também faleceu anteontem em Lagoa, Chamoim, o nosso assinante Sr. Manuel Gonçalves de Campos, irmão do funcionário da Câmara, Ex.º Senhor Amado Gonçalves de Campos. A família e de um modo especial ao referido seu irmão, nosso amigo, as mais sentidas condolências.

LAMENTOS DE FÉ

(Ao meu grande amigo e Poeta Uerba)

I

Que vejo, meu Jesus?! A sociedade é lama
Que enodoa a perverte os simples corações!
Que é da religião, da fé ardente em chama,
Que outrora tanto ergueu os louros das nações?

Caridade?... Onde habita a sedutora flama
(Quase extinta no rol das densas multidões),
Se tu lhe deste, ó Deus, a graça que embalsama
As almas virginais, do lodo das paixões?!

Foi tudo, em turbilhão, roubado pelo vento!...
E erguendo as mãos ao céu, na prece dum lamento,
Imploro ao Pai Eterno e Rei da divindade.

Que volte para nós os olhos com ternura,
E semeie na terra a fé bendita e pura,
Manancial do céu p'ra toda a humanidade!...

Balança, 12/9/958.

Rodrigues Carrazedo

CARTA MAGNA

Dr. Pedro Teotónio Pereira, homem que viu nascer o Corporativismo Português e lhe ensaiou os primeiros e tímidos passos.

Nós confiávamos já na acção de S. Ex. a o Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, espírito brilhante que sabe arrancar do letargo os agudos problemas de interesse nacional que lhe chegam às mãos e que continua a criar condições de vitalidade ao nosso corporativismo, mas ainda mais confiados poderemos estar, tendo, como tem a secundá-lo, o actual Ministro da Presidência que, assim como embalou o berço da criança, saberá sacudir, em constantes e repetidos golpes de energia, o Corporativismo já homem feito, em que a Nação põe toda a fé e esperança.

Assim o denunciou ao pronunciar o substancial discurso do acto de posse.

Vem S. Ex. a habituado a observar, a distância, os fenómenos da nossa política e ao referir-se este pormenor disse:

«Tive então muito tempo para que — como acontece sempre aos portugueses que vão para longe — se me sublimasse a devoção pelo País e passasse a sentir o seu bem e o seu prestígio como um outro ar de que se precisa para viver».

Verberou o desorientado comportamento de muitos portugueses na última eleição presidencial, nestes termos:

«O nosso maior problema continua manifestamente a ser um problema de educação, no mais alto sentido. Educação em cima e educação em baixo. Não acredito que nenhum espírito sensato e justo, por muito obcecado que esteja pelos postulados da democracia pura,

da Organização Corporativa do Trabalho

(Continuação da 1.ª página)

possa dizer que lhe satisfizeram certas reacções que o País presenciou há pouco. Uma coisa é a paixão e o outra as possibilidades reais que o nosso ambiente político oferece. A verdade é que cada dia se afigura mais urgente uma reforma de mentalidade que conduz a uma atitude de maior realismo perante a vida.

Tenho, por exemplo, como grandes responsáveis de muitas das nossas dificuldades, estes dois traços tão vulgares entre nós: o gosto pelas ideias abstractas ou irrealizáveis e o desgosto pelo trabalho em cooperação.»

E define-se melhor quando a seguir, afirma:

«Tenho lido ultimamente muitas referências à necessidade imperiosa de se elevar o produto nacional. Sem dúvida estas três últimas décadas acusam ganhos incontestáveis e reconfortantes na grande batalha pelo pão e pelo bem estar da nossa gente. Ninguém pode ignorar o esforço excepcional que se fez e o que se prepara para os próximos anos. Mas concordamos que há ainda muito caminho a percorrer para acudir melhor às necessidades do povo. Entretanto, e mesmo que o produto nacional cresça demasiado lentamente para as nossas impaciências, o que é preciso é que não diminua o nosso melhor e maior produto: o carácter nacional.

Todos podemos concorrer para que tal não aconteça. Contra o cinismo, a indeferência e o materialismo que vão pelo mundo, devemos contrapor o

desinteresse, a dedicação e o espírito de servir. E quando se nos deparare o erro ou a injustiça não hesitar em os corrigir.

Não faltam qualidades admiráveis no nosso povo a que a formação cristã deu raízes profundas. Sobre-lhe quase sempre o coração, mas o bom senso dos humildes é capital de experiência onde não raro se pode buscar conselho seguro».

Põe a questão, peremptoriamente, ao afirmar:

«O dilema é só este: ou manter, renovada e corrigindo, uma situação política cujo activo não se pode ignorar, ou deixar cair outra vez a Nação na situação caótica donde a arrancamos há mais de trinta anos.»

E conclui com esta síntese: *«Se me fosse permitido, eu proporia um tema muito singelo para a tarefa que temos na frente: bom senso e acção.*

Dentro do que for permitido pelas limitações humanas e pelas próprias possibilidades do País, creio bem que não haverá problemas que se não possam enfrentar».

Quem ler com atenção o Estatuto do Trabalho Nacional, constatará facilmente que muito há ainda por fazer do plano traçado há 25 anos, mas também lhe servirá de medida para avaliar o quanto se fez de útil.

Para se obter o resto, siga-se a fórmula aconselhada: bom senso e acção — o mesmo que dizer: muito e bom trabalho.

EME

TRIBUNA DE VILA VERDE

Panorama Social

Chegaram até nós, romores de uma acção pouco dignificante praticada por indivíduos? ou feras!... que se não tivéssemos na máxima consideração a idoneidade das pessoas que tal acto presenciaram, não acreditávamos.

Relatemos o caso tal qual no-lo foi contado.

Um carro de aluguer desta praça, quando regressava de S. Bento da Porta Aberta com passageiros, no passado Domingo, ao chegar a Santa Maria de Bouro depararam com este quadro de malvadez impressionante que nos faz regressar aos tempos da Barbárie: Um homem e uma mulher atados um ao outro por fortes cordas, obrigados por uns malandrins a passear na via pública no largo do Convento, para que, diziam os mesmos malandrins, toda a gente presenciasse o espectáculo.

Como era de prever, a cena, chamou atenção das pessoas que por ali passavam e algumas resolveram entecer a favor dos pobres «arreatados», libertando-os das cordas e prendendo quatro dos meliantes, entregando-os no Posto da G. N. R. de Amares, a fim de prestar contas do seu acto.

Os motivos que originaram este espectáculo foram, dizem os facinoras, exestirem amores ilícitos entre os dois supliciados, muito embora a mulher fosse solteira.

Confessamos que há que moralisar este exemplo aos arredados dos bons costumes, mas estes só poderão

ser combatidos por outros processos que não os selvagens. Existem os tribunais para castigar os que erram; há os «abaixo-assinados»; e além do mais há a autoridades eclesiástica que sabe utilizar os meios religiosos ao seu alcance para combater tais imprudências.

Não é lógico que se deixe utilizar imprudentemente a vontade de quem, muitas vezes, não tem moral para agir de conta própria, cuja acção é sempre contraproducente.

Como os autores desta proesa se encontram já a contas com a Justiça, esperemos a justificação e o direito que a cada um cabe pela má acção que praticou.

Falecimento

Com 82 anos de idade, faleceu nesta Vila, no dia 16 do corrente, o snr. José Maria Ribeiro, oficial de Delegacias aposentado da Câmara Municipal (Secção Administrativa), um dos poucos combatentes que ainda restam das Campanhas d'África, contra o Gongunhada, em Moçambique.

O seu funeral, que esteve a cargo da Agência Funerária Valente & Pinto, da Loureira, realizou-se na passada 5.ª feira, pelas oito horas, para o cemitério desta Vila.

Pelo Registo Civil

Movimento no Registo Civil desta comarca, durante a semana que findou em 11 do corrente.

Nascimentos — do sexo feminino 12, masculino 11. Casamentos 5. Óbitos, feminino 5, masculino 4.

Folhetim de «Tribuna Livre», 85

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Mas as mães, em nomes dos filhos, sofrem com resignação todos os atropelos aos seus direitos, todas as ofensas ao seu amor-próprio.

Até um dia!...

É sempre de bom aviso não confiar demasiadamente no estoicismo das mulheres!

Tudo tem limites demarcados...

* * *

A ceira de centeio oferecia um quadro que deslumbrava com as suas espigas cheias, sazoadas, doiradas de um tom amarelo, de cidreira madura.

A cegada fora marcada para um Sábado e nesse dia, raparigas descalças e de mangas arregaçadas, até acima dos cotovelos, impunham as foicinhas e numa fila, de infantaria feminina, alegre e barulhenta, como aves em plena liberdade, principiaram numa extremidade e, a toda a largura do campo, levaram de uma arrancada a sua tarefa até ao fim.

Uma «equipe» de mulheres, já mais maduras, com o colmo de centeio, molhado, atavam, em pequenos feixes, o centeio à medida que ia sendo ceifado, deixando-os espalhados pelo campo.

Um grupo de quatro homens conduzia os feixes para um olival próximo e, debaixo das oliveiras, faziam com eles as medas, on-

de o grão, nas espigas, acabava de amadurecer.

As medas ficavam ali até à época das malhadas, que se realizavam em Agosto.

Agosto — mês de intenso calor e de grande azáfama agrícola!

O José, concordando com a mulher, marcou o dia para a malhada do centeio.

Três dias antes, com os criados e criadas, desfez as medas e transportou, nos seus dois carros, o centeio para a eira, a fim de abrir ao sol para aquecer, visto que assim, facilitava a desagregação dos grãos das espigas.

No dia designado, uma «equipe» de dez homens, munida de grossos e pesados mangoais, deu começo à malhada.

A «equipe» dividiu-se em dois grupos e os cinco homens, de cada lado, voltados uns para os outros, vis-à-vis, tomaram posições.

Em cada grupo um malhador, o do centro, estava munido de um mangoal com o cabo mais comprido e ficava, dois a três passos, atrás dos quatro companheiros.

Os cinco mangoais, de cada lado, batiam com força, pesadamente, alternando-se, sobre o centeio.

(CONTINUA)

Dr. Fernando Adelino Faria Ferreira

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

CALDELAS